UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

GILVANETE MARIA DOS SANTOS

CONTANDO HISTÓRIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS COMO POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO DE LEITORES: VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Maceió
2021

GILVANETE MARIA DOS SANTOS

CONTANDO HISTÓRIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS COMO POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO DE LEITORES: VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Prof.ª Dra. Valéria Campos Cavalcante.

Maceió
2021

GILVANETE MARIA DOS SANTOS

CONTANDO HISTÓRIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS COMO POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO DE LEITORES: VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Profª. Dra. Valéria Campos Cavalcante

Artigo Científico defendido e aprovado em 02/12/2021.

Comissão Examinadora

Examinadora 1 – Presidente
Profª. Dra. Valéria Campos Cavalcante
Universidade Federal de Alagoas

Examinadora 2

Examinadora 3

Maceió
2021

CONTANDO HISTÓRIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS COMO POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO DE LEITORES: vivências do estágio supervisionado

Gilvanete Maria dos Santos
E-mail: gil.gigi17@gmail.com

Valéria Campos Cavalcante
E-mail: vccavalcante1@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de relatar a experiência vivenciada durante o Estágio Supervisionado IV, do Curso de Licenciatura em Pedagogia do CEDU/UFAL, no ano de 2019, através de ações que foram desenvolvidas durante o Projeto de Intervenção intitulado: "A "Contação" de histórias como processo de formação dos pequenos leitores, desenvolvendo a leitura e a escrita através da história de Dona Baratinha", realizado com os alunos do 2º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, de uma Escola Municipal em Maceió. Esse projeto permitiu- me vivenciar um ensino de leitura conectada com a realidade dos estudantes – considerando o contexto socioeconômico dos mesmos – levando-os a refletirem sobre os seus atos, comunicação oral e escrita, através de diversos gêneros textuais, estimulando, assim, reflexões e senso crítico, dentro de um contexto de interdisciplinaridade, valorizando a atuação de todos envolvidos nesse processo. Diante destas experiências de estágio, foi possível dispor de aprendizagens significativas, a aproximação investigativa da realidade e do seu contexto social envolvendo estudos, análise dos gêneros textuais na busca por alternativas no processo de ensino aprendizagem que ampliasse os letramentos dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Letramento; Leitura e Estágio Supervisionado.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo trata dos conhecimentos adquiridos a partir da experiência vivida no Estágio Supervisionado IV, do Curso de Pedagogia, realizado com os alunos do 2º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, de uma Escola Municipal em Maceió, no ano de 2019. O tema escolhido para o Projeto de Intervenção foi: "A narração de histórias como processo de formação dos pequenos leitores, desenvolvendo a leitura e a escrita através da história de Dona Baratinha", utilizando-se como recursos metodológicos o livro de sua história, vídeo, som, entre outros instrumentos pedagógicos.

Esse trabalho tem por objetivo descrever as experiências obtidas durante esse processo de estágio, que me permitiu vivenciar um ensino de leitura conectada com a realidade dos estudantes, considerando o contexto social dos mesmos, e mais especificamente abordar e desenvolver o comportamento leitor-escritor dos alunos durante o processo de leitura e produção textual, partindo do alfabetizar. Entendo ser imprescindível propiciar a criança, através da leitura de histórias infantis, o seu envolvimento com o enredo e personagens, estabelecendo uma relação com os textos literários trabalhados e, assim, estimular a alfabetização e o letramento, processos distintos, contudo, de suma importância para serem trabalhados juntos.

De acordo com Carvalho e Mendonça (2006, p.19): "[...] alfabetização e letramento são processos diferentes, cada um com suas especificidades, mas complementares, inseparáveis e ambos indispensáveis. [...]". Com isso, busquei nesse trabalho mostrar a importância de alfabetizar, contribuindo assim, para um melhor decorrer do ensino-aprendizagem.

Procurei, nesse estudo, analisar a alfabetização – aprendizagem do código – e o letramento – a habilidade de usá-lo – nas séries iniciais, trazendo reflexões acerca desses processos. Compreendo que o processo de alfabetização e letramento promove o desenvolvimento do aprendizado na criança, logo, é de grande notabilidade que nos primeiros anos do Ensino Fundamental sejam realizadas atividades que garantam a aquisição da escrita, bem como as que envolvam a leitura e a produção de textos. Em decorrência dessa análise, levei a literatura infantil aos alunos do 2º ano do Ensino Fundamental, utilizando o livro: Dona Baratinha, de Ana Maria Machado, para trabalhar com eles leitura e escrita, assim como sua prática em ambiente social.

Manifesto nesse trabalho, a concepção de linguagem enquanto: "[...] interacionista, funcional e discursiva da língua" (ANTUNES, 2003, p. 42). Já a leitura, segundo Koch e Elias (2009, p. 11), pode ser entendida como: "[...] uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções, tendo como foco a 'interação autor – texto – leitor". Nesse sentido, a atividade de leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos.

No decorrer da investigação em sala de aula, observei o entusiasmo dos alunos com a "contação" (narração) da história, pois interagiram a todo o momento e em todos os processos de ensino que lhes foram proporcionados. Desde a roda de leitura, até a última atividade que foi a dramatização da história trabalhada, todos os alunos mostraram expectativa e interesse.

Perante o exposto, contemplei que o leitor interage com texto ressignificando-o, desta forma: o texto não está pronto, necessitando do leitor para atribuir-lhe sentido. Nessa visão,

segundo Koch e Elias (2009, p. 11), “[...] a leitura é uma atividade na qual se leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor [...] a leitura de um texto exige do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico [...]”. Fica claro, assim, a importância do letramento para que haja não só o aprendizado do código linguístico, mas também a aprendizagem das funções sociais da língua escrita.

Com relação ao processo de estágio, compreendo que os saberes da experiência construída pelo professor em sala de aula, sobretudo no seu processo de estágio, sendo constitutivos de sua profissionalidade, somam-se aos saberes teóricos adquiridos na formação inicial e no processo de formação continuada, em seu desenvolvimento profissional (PIMENTA, 1999).

Consequentemente é preciso reconhecer a escola como espaço real de formação profissional, sendo de grande importância para ampliação de saberes, colocando os docentes com a responsabilidade de devolver o conhecimento adquirido, buscando metodologias que facilitem o processo ensino-aprendizagem, mas especificamente, no ensinamento da leitura e escrita.

2 *LÓCUS* DA PESQUISA

O Estágio Supervisionado IV, componente curricular obrigatório do curso de Pedagogia da UFAL, tem carga horária de 120h e, de acordo com a ementa contida no Manual de Estágio do curso (2018, p.2), ocorrerá a partir da “Observação e análise crítica da prática docente dos anos iniciais do Ensino Fundamental, na escola – campo de estágio. Elaboração de projeto/ planejamento da intervenção, aplicação e execução do projeto/plano elaborado para atuação na docência nessa etapa de ensino”.

Esse processo de estágio, visa preparar o graduando para o mundo do trabalho, exercendo grande importância em seu desenvolvimento profissional, pois é a conclusão de mais uma etapa no andamento de sua formação, sendo indispensável para identificar novas experiências na busca pelo conhecimento através do mundo da prática. A realidade vivenciada na escola pública mostrará ao estagiário como de fato acontece o processo de ensino-aprendizagem, pois é nesse momento que viverá as mais diversas experiências no que diz respeito a construção do profissional que almeja ser,

> [...] O estágio é o *lócus* onde a identidade profissional do aluno é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso deve ser planejada gradativa e sistematicamente (BURIOLLA, 1999, p. 13).

A experiência do estágio foi realizada em uma escola municipal de Maceió, que está em funcionamento, desde maio de 2001 e oferece turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, nos turnos matutino e vespertino, atendendo aproximadamente 340 alunos com idade entre 6 e 12 anos.

A escola, campo de estágio, possui 07 salas de aula, funcionando tanto no período matutino, quanto no período vespertino. As salas de aula são amplas, com janelas largas que facilitam a circulação do ar e apresentam espaços como o cantinho da leitura que fica, geralmente, nos fundos de cada sala de aula. Os mobiliários são de fácil acesso, os ambientes são organizados e as salas são decoradas. A biblioteca itinerante fica dentro do laboratório de informática, no entanto as leituras dos alunos acontecem nos cantinhos de leitura, que existem dentro das salas de aula. O laboratório de informática tem capacidade para 20 computadores, porém, no momento, está desativado. Neste mesmo espaço, também se encontra a parte de audiovisual.

Além desses, outros espaços também são encontrados na instituição, como uma secretaria, um almoxarifado, depósito, sala da direção, sala de recurso, cozinha e, por fim, um pátio que não grande, mas, é onde acontece a maior parte das atividades, como por exemplo, a fila para receber a merenda, as aulas de Educação Física e, até mesmo, reunião de pais.

Segundo informou a coordenadora, a secretaria, a sala da direção, a sala da coordenação e o ambiente para professores dividem o mesmo espaço, visto que, o espaço foi transformado em uma sala de recurso. É nesse espaço onde psicopedagoga e psicóloga fazem atendimento social duas vezes por semana, fazendo, assim, a diferença no atendimento aos estudantes com deficiência, como sugere as Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001, p. 46-47), onde são definidas as regras de organização do atendimento aos alunos com deficiências nas redes de ensino:

> A escola regular de qualquer nível ou modalidade de ensino, ao viabilizar a inclusão de alunos com necessidades especiais, deverá promover a organização de classes comuns e de serviços de apoio pedagógico especializado. Extraordinariamente, poderá promover a organização de classes especiais, para atendimento em caráter transitório.

O Serviço de Apoio Pedagógico Especializado, que acontece na sala de recursos, não consegue atender a todos, pois, acontece apenas duas vezes por semana. Compreende-se por sala de recursos:

> Sala de Recursos: serviço de natureza pedagógica, conduzido por professor especializado, que suplementa [no caso dos superdotados] e complementa [para os demais alunos] o atendimento educacional realizado em classes comuns da rede regular de ensino. Esse serviço realiza-se em escolas, em local dotado de equipamento e recursos pedagógicos adequados às necessidades educacionais especiais dos alunos, podendo estender-se a alunos de escolas próximas, nas quais ainda não exista esse atendimento. Pode ser realizado individualmente ou em pequenos grupos, para alunos que apresentem necessidades educacionais especiais semelhantes, em horário diferente daquele em que frequentam a classe comum (BRASIL, 2001, p. 50).

Na escola, ora estudada, a Sala de Recursos é pequena, porém, organizada e aconchegante, onde encontramos brinquedos pedagógicos fornecidos para atendimento educacional. Contudo, vale ressaltar, a importância da existência de uma Sala de Recursos no ambiente escolar, sendo fundamental para uma escola que atende pedagogicamente alunos com necessidades educativas especiais, bem como determina o Ministério da Educação.

2.1 PERFIL DOS ESTUDANTES

A escola, *lócus* de pesquisa, situa-se na periferia urbana de Maceió. No aspecto econômico, na comunidade escolar, percebe-se que os alunos são oriundos da Vila Emater I e II. É importante ressaltar que estes alunos são oriundos da camada economicamente menos favorecida do município. A maior parte dos responsáveis pelos alunos têm como profissão: domésticas, diaristas, pedreiros, autônomos e há aqueles que são assistidos pelo Programa Social Bolsa-Família do Governo Federal.

O campo de estágio escolhido foi o 2º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, no turno da tarde. Durante o período de estágio estavam frequentando a aula 35 alunos, sendo 20 alunas e 15 alunos. A sala de aula era bastante quente. Com cadeiras, mesas, quadro e lousa. E na parede tinha letras do alfabeto e trabalhos (desenhos) realizados pelos alunos nas aulas de artes. No fundo da sala, tinha um armário onde eram guardados os materiais didáticos utilizados pelos professores e alunos. Também tinha uma mesa que estavam os livros paradidáticos à disposição dos alunos no momento das atividades de leitura.

A situação socioeconômica dos alunos da escola, *lócus* do estágio, não é diferente de nenhuma outra escola pública, onde os alunos fazem parte de famílias de baixa renda. A comunidade Vila Emater I e II, antigo lixão de Maceió, onde os alunos residem, é local de moradia de 200 famílias que sobrevivem trabalhando como catadores de materiais recicláveis. Os alunos chegam à escola no ônibus escolar, oferecido pelo município, ou de transporte coletivo urbano.

A Vila Emater I e II é o resultado da acomodação dos catadores nas regiões circunvizinhas do antigo lixão, que se desenvolveu e hoje é limitada pelos bairros de Jacarecica e do Sítio São Jorge. Trata-se de um assentamento precário, localizado em área pública, pertencente ao Governo do Estado, ocupado por 200 famílias, cerca de 1.100 moradores.

3 LEITURA E LETRAMENTO NO ENSINO FUNDAMENTAL: REFLEXÕES

A construção deste item se dá com o intuito de fazer reflexões acerca da leitura e do letramento, trazendo conceitos de alguns pesquisadores, a partir de pesquisas bibliográficas, que discorrem sobre a importância do processo de alfabetização simultaneamente ao letramento, procedimentos distintos, porém, importantes de serem trabalhados concomitantemente. Evidencio ainda a importância da leitura e do trabalho com textos nos primeiros anos do Ensino Fundamental Anos Iniciais, trazendo reflexões da relevância do professor, em suas práticas educacionais, utilizando-se de um planejamento voltado para um ensino que vise a ampliação da leitura e escrita dos estudantes.

Evidentemente, ensinar a ler e escrever vai bem além de compreender a alfabetização e o letramento. De acordo com Soares (2020, p. 27):

> Alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro são de natureza essencialmente diferente; entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. A alfabetização – a aquisição da tecnologia da escrita – não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita.

Conforme Soares (2006, p.27) esclarece, alfabetização é o "[...] processos de apropriação da 'tecnologia da escrita', isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades – necessárias para as práticas da leitura e da escrita [...]". Assim, apreende-se que a alfabetização é o desenvolvimento de aprendizagem onde o aluno irá aprender as habilidades da leitura e da escrita.

O letramento, por sua vez, segundo Soares (2006, p. 27) é, "[...] a capacidade de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias [...]". Logo, o letramento é compreendido como sendo o processo de desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, do ser aprendente, em suas práticas sociais, sendo capazes de fazer uso desse saber em seu cotidiano.

Diante dessas informações, faremos aqui uma reflexão sobre esses dois processos – alfabetização e letramento – compreendendo que eles são diferentes, com especificidades próprias, porém, complementares e inseparáveis. O indivíduo alfabetizado é aquele que conhece o código escrito, que sabe ler e escrever, mas saber apenas isso não é o suficiente para ser inserido em uma sociedade grafocêntrica, onde quem não consegue dominar o código escrito é tido como analfabeto, "[...] Já não se considera alfabetizado aquele que apenas declara saber ler e escrever, genericamente, mas aquele que sabe usar a leitura e a escrita para exercer uma prática social em que a escrita é necessária" (SOARES, 2005, p. 47).

Dessa forma, torna-se necessário a ampliação dos conhecimentos e o letramento pode auxiliar nesse processo, onde o indivíduo precisará compreender o sentido dos textos e interpretá-los para inserir-se na sociedade contemporânea. "[...] alfabetizar não se reduziria ao domínio das 'primeiras letras'. Envolve, acima de tudo, utilizar a língua escrita nas situações em que esta é necessária, lendo e produzindo textos [...]" (CARVALHO; MENDONÇA, 2006, p. 17).

No processo de letramento, é imprescindível que os estudantes, na fase inicial do Ensino Fundamental, tenham um frequente contato com os mais variados tipos de textos. Percebemos que eles devem ser estimulados, desde cedo, a entrar em contato com a literatura e as diversas tipologias textuais obtendo, assim, uma compreensão bem maior de si, do outro e do mundo. E é a partir desse contato que a criança terá a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo, ampliando os horizontes da cultura e do conhecimento, percebendo o mundo e a realidade que a cerca.

> A experiência com textos variados e de diferentes gêneros é fundamental para a constituição do ambiente de letramento, a seleção do material escrito,

> portanto, deve estar guiada pela necessidade de iniciar as crianças no contato com diversos textos e de facilitar a observação de práticas sociais de leitura e escrita nas quais suas diferentes funções e características sejam consideradas. Nesse sentido, os textos de literatura geral e infantil, jornais, revistas, textos publicitários, entre outros, são os modelos que se podem oferecer as crianças para que aprendam sobre a linguagem que se usa para escrever (BRASIL, 1998, p. 151-152).

Quanto ao desenvolvimento cognitivo, o contato com os livros proporcionará às crianças meios para desenvolverem habilidades que agem como facilitadores dos processos de aprendizagem. Estas habilidades podem ser observadas no aumento do vocabulário, na interpretação e compreensão de textos, na ampliação do repertório linguístico, na reflexão, na criticidade e na criatividade.

3.1 A IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS PARA O ENSINO DE LEITURA

Por muito tempo, os textos trabalhados e utilizados como instrumentos do processo de ensino-aprendizagem não foram utilizados da maneira correta nas escolas, onde os docentes apenas se utilizavam dos textos clássicos para ensinar seus alunos. No ensino da leitura e escrita eram utilizados textos completamente fora do contexto de uso dos discentes e, muitas vezes, sem o menor sentido para eles, pois, desconsiderava-se que os sujeitos são naturalmente distintos e têm vidas sociais diferentes, assim: "[...] o sentido da leitura era construído no processo da interação entre autor-leitor, mediado pelo próprio texto" (BARBOSA; SOUZA, 2006, p. 16).

Em várias circunstâncias, esse ensino de leitura limitado ainda se faz presente em algumas escolas, apesar de que já haja uma consciência por parte do corpo docente de que não basta apenas ensinar seus alunos a ler e escrever, é urgente que compreendam a necessidade de formar sujeitos críticos e cidadãos conscientes.

> [...] Em virtude dos avanços nos estudos da linguagem, particularmente em áreas de conhecimentos, como Pragmática, Análise da Conversação, Análise do Discurso, Sociolinguística, as quais já haviam se iniciado a partir da década de 70, o conceito de língua como interação acarreta mudanças para a discussão sobre o ensino de Língua Portuguesa. A língua passa a ser vista em uma perspectiva bakthiniana como atividade dialógica, deixando de ser percebida não apenas em sua estrutura interna, mas também em sua exterioridade. Ela é assim sócio-histórica e ideológica (BARBOSA; SOUZA, 2006, p.15-16).

O termo letramento chegou ao Brasil através de especialistas das áreas de Educação e das Ciências Linguísticas, respondendo a uma nova necessidade social, uma vez que não bastava distinguir o alfabetizado, "aquele que aprendeu a ler e escrever", do analfabeto, "aquele que não pode exercer em toda sua plenitude os seus direitos de cidadão". Era necessário nomear a condição daquele que sabia ler e escrever e, ainda assim, não fazia uso da leitura e da escrita (SOARES, 1998, p. 18).

No Brasil, especificamente, com a incorporação do conceito de letramento houve uma transformação conceitual, que mudou as práticas de ensino atreladas ao processo de alfabetização, concedendo uma nova perspectiva sobre o trabalho com gêneros textuais, que passaram a ser percebidos como importantes recursos no processo de ensino-aprendizagem. Assim, a linguagem, que antes era compreendida apenas como uma expressão do pensamento humano, passou a ser vista também como um instrumento de interação social, onde o interlocutor precisa compreender e interpretar as mensagens que os diversos tipos de textos trazem, envolvendo um interlocutor e uma mensagem que precisa ser compreendida, portanto, "[...] não devemos negar ao aluno o direito de construir a interpretação dos textos, impondo uma única leitura" (BARBOSA; SOUZA, 2006, p. 53).

Desta forma, os diversos gêneros passaram a ser vistos como importantes artefatos de ampliação de conhecimento e, a partir daí, passou a haver uma consciência de que os textos ampliavam a formação intelectual dos estudantes, pois levam o indivíduo a associar o que está lendo com o mundo ao seu redor.

> [...] o texto é um processo interlocutivo que vai exigir dos falantes e escritores que se preocupem em articular seus textos conjuntamente aos interlocutores, ou então que tenham em mente seus interlocutores quando escrevem/ elaboram seu texto oral (MARCUSCHI, 2002). Isso porque a criação e recepção de texto é uma atividade de co-construção de sentidos: tanto quem produz quanto quem recebe os textos está ativamente engajado no propósito de ser compreendido e de compreender; em suma, há o desejo de interagir verbalmente. (CAVALCANTE et al, 2007, p 28).

É notável que, trabalhar com gêneros textuais, advindos das diversas práticas sociais, proporcionam uma aprendizagem mais expressiva, exatamente porque circulam no nosso cotidiano, e isso abre um leque de oportunidades para as ações pedagógicas do professor. Assim sendo, ressalto a importância de oportunizar às crianças uma aprendizagem sob a perspectiva do letramento por meio dos gêneros textuais, possibilitando uma aprendizagem criativa de conhecimentos, ampliando novas possibilidades de compreensão e interpretação textual.

> [...] fica claro o papel da escola e mais especificamente, do professor, no planejamento e realização de uma prática em sala de aula, cujas implicações sejam positivas para a formação de um leitor crítico e eficiente, um leitor capaz de desvelar significados, mesmo quando as palavras de um texto lhes pareçam, à primeira vista, indecifráveis [...] (BARBOSA; SOUZA, 2006, p. 21).

A escola, assim como todo seu corpo docente, exerce papel fundamental na formação do aluno leitor, apto a utilizar a linguagem como mecanismo de sua aprendizagem, que consegue explorar os textos, analisando-os criticamente. Cabe, portanto, ao professor trazer para dentro da escola os mais variados gêneros textuais existentes na sociedade, e utilizar-se, dos mesmos, como instrumentos de trabalho em suas ações pedagógicas para ajudar seus alunos a viverem em uma sociedade letrada.

3.1.1 Processo de aquisição da leitura

Atualmente, a aquisição da leitura e da escrita são entendidas como um processo social, logo, a alfabetização não deve se restringir apenas ao domínio do código, mas tudo que envolva as práticas sociais de leitura e escrita, ou seja, o professor deverá alfabetizar letrando.

> Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança [...] no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto do e por meio da aprendizagem das relações fonema/grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2003, p.14).

A leitura não é apenas decodificar os símbolos linguísticos, mas também compreender e interpretar os textos, instrumento essencial nesse processo. É uma atividade necessária para que a criança venha ter acesso a saberes que fazem parte de uma cultura, e é através dela que será construído e ampliado o seu conhecimento de mundo.

É evidente que o processo de ensino da leitura é bem amplo e complexo, e o trabalho com textos é essencial para a formação do ser letrado, conforme anunciamos anteriormente, pois a leitura está profundamente ligada à sua vida social, exigindo a todo momento que tenha uma boa formação linguística.

Desse modo, é primordial que no processo de ensino da leitura os alunos sejam estimulados a realizarem leituras interessantes dos mais variados tipos de textos, produzindo uma identificação com sua vivência diária.

No tocante ao conceito de ensino da leitura, Kleiman (2002, p. 10) declara:

> Quanto à concepção de leitura [...] consideramos esta uma prática social que remete a outros textos e outras leituras. Em outras palavras, ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa sociabilização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados.

Indubitavelmente, a leitura está presente em nosso cotidiano, transformando o ato de ler em uma prática social que vai bem além de apenas transformar letras em sons, pois a leitura, além de ser prazerosa, deve ter significado e desenvolver o conhecimento. Ressalto aqui, também, sua importância como base do processo de alfabetização e da formação da cidadania.

De acordo com Soares (2020, p. 34) "[...] O texto é o eixo central do processo de alfabetização". Partindo dessa afirmação, no estágio, procuramos trabalhar o texto a partir da literatura infantil, introduzindo a leitura como forma de melhorar a qualidade da aprendizagem das crianças, além de incentivá-las a sentirem prazer na leitura a partir do momento em que participam da contação (narração) de história, assim, inserindo as práticas de leitura e escrita como recursos para a alfabetização e o letramento, procurando preparar essas crianças para conviverem em uma sociedade letrada, conforme evidencia Kleiman (2005, p. 37):

> Se, dando asas à imaginação, a criança contextualiza a história do livro, não haverá limites para o que ela será capaz de fazer quando os saberes a serem adquiridos forem contextualizados em atividades relevantes de estudo e de lazer.

Logo, apreende-se, que ao adquirir o hábito da leitura, a criança leitora passará a conhecer os diferentes tipos de textos e de vocabulários, passando, dessa forma, a escrever e a ler melhor, pois ler é uma forma de ampliar o universo linguístico. Assim, percebemos ser fundamental, na formação do indivíduo, o hábito da leitura logo na infância, pois esse hábito

ajudará a despertar na criança o senso crítico, além de auxiliar em seu aprendizado. Mas é de suma importância que ensinem a criança não só a ler, mas a gostar da leitura e a descobrir os prazeres e alegrias que ela lhe poderá proporcionar.

O processo de aprendizagem é amplo, complexo, e cada ser humano tem suas particularidades no que tange ao aprendizado. Sendo assim, quando o professor se utiliza de práticas pedagógicas coerentes, torna-se mais descomplicado ensinar e aprender, dessa maneira, "[...] Para formar leitores, o professor, além de ser plenamente letrado, é claro, precisa ter os conhecimentos necessários para agir como um verdadeiro agente social" [...] (KLEIMAN, 2005, p. 51-52).

Ressalto aqui, a importância do professor no desenvolvimento da criança, pois, o mesmo, tem papel fundamental em sua formação cognitiva, identificação pessoal, autonomia, no senso crítico e, portanto, é de suma importância que ele esteja intelectualmente bem preparado para conduzir sua prática de forma eficiente e adequada à realidade desses alunos. Compreendo ser de grande relevância que o professor planeje bem suas aulas, utilize novas práticas de ensino para que o nível de letramento dos alunos aumente e, desse modo, se tornem pessoas bem preparadas para lidar com as leituras complexas que ocorrerão em sua vida.

> [...] o papel do professor é determinante para assegurar a possibilidade de seus alunos se tornarem leitores e escritores de fato. Cabe ao professor importar para a sala de aula as práticas sociais de uso da leitura e escrita, para que essas se constituam o contexto das atividades de alfabetização, ou seja, das situações didáticas cuja finalidade é a reflexão sobre a escrita (CARVALHO; MENDONÇA, 2006, p. 36).

O processo de alfabetizar letrando é bem extenso e, para compreendê-los, faz-se necessários dominar a diferença entre os dois conceitos, entendendo suas particularidades e a importância de trabalhá-los simultaneamente, pois, como já foi dito, eles se complementam. Assim, exige-se do professor, em seu processo de ensino, que implemente a perspectiva do letramento, pois, com os avanços que vêm ocorrendo no mundo, bem como na sociedade grafocêntrica a utilização de gêneros textuais nas salas de aulas é imprescindível.

3.1.1. Como escolher os gêneros textuais

São inúmeros os gêneros textuais indicados que podem ser utilizados pelo professor em sua prática na sala de aula. É um trabalho complexo, que traz inúmeros desafios e, portanto, requer que os docentes estejam preparados e compreendam que cada gênero apresenta uma

função social, obtendo grande importância no desenrolar do processo de ensino da leitura. Segundo Mendonça (2007, p. 47-48):

> A escola deve, portanto, proporcionar aos alunos o contato com uma grande diversidade de gêneros orais e escritos, abrangendo várias esferas de circulação: a familiar ou pessoal – cartas pessoais, bilhetes, diários, e-mails pessoais, listas de compras, etc. –; a literária – fábulas, contos, lendas da tradição oral, peças teatrais, poemas, romances, crônicas, contos de fadas, poemas de cordel, etc. –; a midiática – notícias, reportagens, anúncios publicitários, charges, cartas do leitor, artigos de opinião, etc., veiculados por distintos meios [rádio, TV, jornal, revista, internet, etc.] –; a do entretenimento – piadas, histórias em quadrinhos, trava-línguas –; a jurídica ou de regulação da convivência – estatutos, leis, regimentos, normas, etc.

Com tantas variedades de gêneros, a escola e seu corpo docente podem ficar confuso sobre qual o mais indicado para trabalhar com seus alunos. Sobre esse processo, Mendonça (2007, p.50) afirma "[...] O fundamental é que, com base em uma situação-problema, se selecionem o[s] gênero[s] que pode[m] atender às necessidades de leitura e/ou escrita, para o desenvolvimento das competências linguísticas, textuais e discursivas [...]". Ou seja, compreendo ser fundamental que os professores trabalhem o texto de forma efetiva, considerando o contexto ao qual seus discentes estão inseridos, utilizando os gêneros que mais se adequem às suas necessidades, dessa forma, interferindo positivamente na aprendizagem da leitura e escrita de seus aprendentes.

O ensino a partir da utilização dos gêneros textuais possibilita uma educação de qualidade, que vai além do ensino de técnicas de leitura e escrita, podendo formar os estudantes para que eles sejam capazes de fazer uso desses processos em seu dia a dia, ou seja, nas práticas sociais que se utilizam da leitura e escrita, de maneira crítica e democrática.

De acordo com Cavalcante et al. (2007, p. 76):

> A imensa variedade de gêneros textuais existentes manifesta, verbalmente, as nossas diversas necessidades de interação social mediadas pela linguagem, oral ou escrita. Para selecionar um desses gêneros e explorá-lo pedagogicamente em sala de aula, é necessário ter familiaridade com ele, com suas formas de circulação e funcionamento. Isso significa que o professor deve ler a respeito do gênero, pesquisar exemplares diversos desse gênero, compará-los, observar onde e como esses gêneros circulam na sociedade, etc.

Dessa forma, observo que todos os gêneros textuais existentes exercem grande importância para o trabalho pedagógico. Percebe-se ser necessário que a escola e seu corpo docente se utilizem dos gêneros textuais, proporcionando aos seus aprendentes experiências diversificadas.

O foco do letramento, como dimensão complementar e indissociável da alfabetização, deve-se privilegiar aspectos relativos à inserção e à participação dos alunos na cultura escrita, abrangendo capacidades de uso do sistema de escrita e da leitura. Dessa maneira, alfabetizar-se é muito mais do que apenas aprender a decodificar; aprender a ler e escrever significa assumir um papel ativo diante dos gêneros textuais, interagindo com os textos de forma dinâmica, prazerosa e consciente.

É importante ressaltar que a leitura e interação do aluno com o gênero textual trabalhado em sala de aula, esteja de acordo com a realidade que os estudantes vivenciam, para que os mesmos possam agir de forma crítica a partir da leitura desses gêneros e, assim, possam atuar conscientemente e positivamente em suas relações sociais.

> Ser capaz de ler e compreender textos e de escrever textos é o que se considera uma criança que, além de alfabética, se torna alfabetizada, objetivo do ciclo de alfabetização e letramento. Ao longo da escolaridade posterior, com a ampliação e consolidação das habilidades básicas já adquiridas, as crianças terão condições de atingir o objetivo último: tornarem-se leitoras e produtoras de textos capazes de fazer uso da língua escrita de forma autônoma para seus objetivos pessoais e de responder adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2020, p. 200).

Enfim, compreendo que alfabetizar letrando é um grande desafio aos professores, haja vista que muitos trazem vícios antigos de métodos tradicionais, onde a aprendizagem da língua se dava de maneira aparente e sem o menor sentido para as crianças. Percebo ser imprescindível ir bem além de uma metodologia defasada e se abrir para práticas construtivas e eficientes.

O professor, como agente transformador que é, deve repugnar os métodos tradicionais de ensino e se utilizar de práticas significativas, onde o foco principal deve ser a construção do conhecimento do seu aluno, e também entender que o ensino da leitura e da escrita deve partir de sua realidade, de um conhecimento prévio e, assim, dar significado ao processo de ensino-aprendizagem.

4 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: CONTRIBUIÇÕES À FORMAÇÃO DOCENTE

Para dar início a este item, primeiramente, apresentarei o conceito de estágio, que se encontra regulamentado na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a qual cita em seu artigo 82 que: "Os Sistemas de Ensino estabelecerão as normas para a realização de estágios dos alunos regularmente matriculados no ensino médio ou superior de sua jurisdição" (BRASIL, 1996). Fica, então, sob incumbência dos Sistemas de Ensino o estabelecimento de normas para o funcionamento dos estágios supervisionados obrigatórios, obedecendo aos dispositivos legais aplicáveis.

Assim, compreende-se que o componente curricular Estágio Supervisionado é um campo de conhecimento e espaço de formação docente que deverá ter como eixo a pesquisa da prática pedagógica, envolvendo a organização e gestão de processos educativos escolares e não escolares [...] estabelecendo estreita ligação entre teoria e prática e entre as áreas do conhecimento, ampliando a compreensão do campo de atuação e intervindo na prática educativa (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, UFAL, 2006, p. 68).

Já na Lei Federal nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, o conceito de estágio fica caracterizado da seguinte forma:

> Art. 1º. Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008).

Ademais, os parágrafos 1º e 2º do mesmo artigo ainda trazem que "o estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando" e que "[...] visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho" (BRASIL, 2008).

Mais adiante, no § 1º do art. 3º, é previsto também que "O estágio, como ato educativo escolar supervisionado, deverá ter acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino e por supervisor da parte concedente [...]" (BRASIL, 2008). Neste documento se estabelece, ainda, a compreensão da relação entre teoria e prática que têm iluminado perspectivas para uma nova concepção de estágio.

Para Pimenta e Lima (2006, p. 13) “a finalidade do estágio é a de propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará. Assim, o estágio se afasta da compreensão até então corrente, de que seria a parte prática do curso”. Desta forma, bem como as autoras, defendemos uma nova postura, uma redefinição do estágio que deve caminhar para uma reflexão a partir da realidade.

A expectativa é que ao dialogar com o real pedagógico os estudantes das licenciaturas desenvolvam formas de agir reflexivamente, considerando as emergências e singularidades do espaço escolar, tendo em vista uma transformação efetiva da realidade da qual se aproximam e com a qual interagem, espera-se ainda que sejam transformados por ela, vivenciando um processo formativo a partir da troca de conhecimentos com os diversos autores que constituem a instituição escolar, conforme está exposto na Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, em seu art. 2º:

> § 1º. Estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma.
> § 2º. Estágio não-obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória.
> § 3º. As atividades de extensão, de monitorias e de iniciação científica na educação superior, desenvolvidas pelo estudante, somente poderão ser equiparadas ao estágio em caso de previsão no projeto pedagógico do curso.

Analisando o referido documento, percebe-se que o estágio não se destina a levar soluções à escola, o que seria evidente sinal de arrogância acadêmica diante dos saberes da prática, porém, consideramos que é possível construí-las de forma compartilhada com a própria escola. Essa seria uma forma de interação com seus autores, superando o preconceito de que a escola não tenha nada a oferecer, sendo um lugar que apenas deve receber.

Assim, segundo Pimenta (1995, p. 63).

> A atividade teórica é que possibilita de modo indissociável o conhecimento da realidade e o estabelecimento de finalidades para sua transformação. Mas para produzir tal transformação não é suficiente a atividade teórica; é preciso atuar praticamente.

Nesse sentido, a aproximação à realidade só faz sentido quando tem conotação de envolvimento, de intencionalidade, pois a maioria dos estágios burocratizados, carregados de fichas de observação, está numa visão míope de aproximação da realidade. Isso aponta para a necessidade de um aprofundamento conceitual do estágio e das atividades que nele se realizam.

Uma visão mais abrangente e contextualizada do estágio indica, para além da instrumentalização técnica da função docente, um profissional pensante, que vive num determinado espaço e num certo tempo histórico, capaz de vislumbrar o caráter coletivo e social de sua profissão. Com isso, abre perspectivas para a valorização da pesquisa na ação dos profissionais, colocando as bases para o que se convencionou denominar o professor–pesquisador de sua prática.

> A pesquisa no estágio, como método de formação dos estagiários futuros professores, se traduz pela mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam. Mas também e, em especial, na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam. Esse estágio pressupõe outra postura diante do conhecimento, que passe a considerá-lo não mais como verdade capaz de explicar toda e qualquer situação observada, o que tem conduzido estágios e estagiários a assumirem uma postura de irem às escolas e dizer o que os professores devem fazer. Supõe que se busque novo conhecimento na relação entre as explicações existentes e os dados novos que a realidade impõe e que são percebidas na postura investigativa (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 14-15).

As pesquisas com foco no estágio têm encaminhado estudos sobre a sala de aula, preocupadas em conhecer e explicar o ensino e a aprendizagem em situações escolares, para estudar as ações dos docentes, coletivamente considerados, nos contextos escolares, desenvolvendo teorias a respeito dos saberes e conhecimentos docentes em situação de aula e, posteriormente, sobre a produção de conhecimentos pelos próprios professores e pela escola.

Inquestionavelmente, o Estágio Supervisionado é um componente curricular indispensável na formação profissional dos futuros pedagogos, sendo a conclusão de mais uma etapa no andamento de seu processo formativo e indispensável para identificar experiências novas na busca do saber através do mundo da prática. É a partir desse momento, que o aluno transformará os conhecimentos adquiridos de forma teórica, em prática.

De acordo com Cunha e França (2019, p. 25):

> [...] Entendemos que o estágio se constitui como atividade teórica de conhecimento da práxis de ensinar, realizada pelos docentes nas escolas públicas; como um campo de conhecimento que envolve estudos, análise, problematização, reflexão e proposição de soluções para o ensinar e o aprender, que compreende a importância da reflexão sobre as práticas pedagógicas, sobre o trabalho docente e sobre as práticas institucionais, em contextos sociais, históricos e culturais que as determinam [...].

A realidade vivenciada na escola pública mostra ao estagiário como de fato acontece este processo de reflexão, pois, é nesse momento que o estagiário vivenciará as mais diversas experiências no que diz respeito a construção do profissional que almeja ser. Assim, "Enquanto reflexão a partir da práxis, o estágio possibilita aos alunos em formação aprenderem com os professores experientes na atividade docente e compreenderem a complexidade das práticas institucionais [...]" (PIMENTA, 2019, p. 32).

É evidente que o Estágio Supervisionado é um espaço de aprendizagem da profissão docente e de construção da identidade profissional, uma vez que possibilita ao licenciando adquirir conhecimentos teóricos e práticos para sua atuação na docência. Neste sentido a legislação é clara:

> Art. 4º. A instituição de educação superior que ministra programas e cursos de formação inicial e continuada ao magistério, respeitada sua organização acadêmica, deverá contemplar, em sua dinâmica e estrutura, a articulação entre ensino, pesquisa e extensão para garantir efetivo padrão de qualidade acadêmica na formação oferecida, em consonância com o Plano de Desenvolvimento Institucional [PDI], o Projeto Pedagógico Institucional [PPI] e o Projeto Pedagógico de Curso [PPC] (BRASIL, 2015).

Seguindo essa perspectiva, percebemos o quanto o estágio nos possibilitou desenvolvermos posturas e habilidades de pesquisadoras, a partir das situações vivenciadas na escola e, acima de tudo, na sala de aula, elaborando projetos que nos permitiram compreender e problematizar as situações observadas, portanto, "[...] O conhecimento não se adquire 'olhando', 'contemplando', 'ficando ali diante do objeto'; exige que se instrumentalize o olhar com teorias, estudos, olhares de outros sobre o objeto-fenômeno universal [...]" (PIMENTA, 1995, p. 63).

Compreende-se assim, que o estágio é o eixo fundamental para nossa formação acadêmica e através dele conheceremos os conteúdos indispensáveis para a construção da nossa identidade profissional, vivenciando os saberes do dia a dia e certificando nossas aptidões para exercer a função de educadora que almejamos ser.

> O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer 'algo' ou 'ação'. A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, da reelaboração dos modelos existentes na prática, consagrados como bons. Muitas vezes nossos alunos aprendem conosco, observando-nos, imitando, mas também

> elaborando seu próprio modo de ser a partir da análise crítica do nosso modo de ser. Nesse processo escolhem, separam aquilo que consideram adequado, acrescentam novos modos, adaptando-se aos contextos nos quais se encontram. Para isso, lançam mão de suas experiências e dos saberes que adquiriram (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 7).

Em suma, o estágio supervisionado permite a aplicação do aprendizado teórico na prática da profissão docente, visto a sua contribuição no processo de formação, deixou de ser considerado apenas como um dos componentes curriculares da graduação, passando, então, a ocupar um lugar mais significativo nesse processo, pois favorece o desenvolvimento de atividades sobre o conhecimento, a análise, reflexão do trabalho docente, ações docentes nas instituições, de modo a compreendê-las em sua historicidade, identificando seus resultados, impasses e as dificuldades que se apresentaram.

No próximo item explicitaremos a experiência vivenciada a partir da prática no Estágio Supervisionado IV, do Curso de Pedagogia, realizado com os alunos do 2º ano "B" do Ensino Fundamental Anos Iniciais, na Escola Municipal lócus de pesquisa. Conforme anunciado anteriormente, o tema escolhido para o Projeto de Intervenção foi: "A contação de histórias como processo de formação dos pequenos leitores, desenvolvendo a leitura e a escrita através da história de Dona Baratinha", utilizando-se como recursos metodológicos o livro de sua história, vídeo, som, entre outros instrumentos pedagógicos.

5 ESTÁGIO SUPERVISIONADO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – VIVÊNCIAS

Daremos início a este item, onde descreveremos as experiências do Estágio Supervisionado IV, evidenciando a importância que o mesmo desempenha na formação acadêmica dos graduandos, visto que os preparam para o mundo do trabalho, sendo esse o momento onde colocarão em prática os conhecimentos teóricos adquiridos durante sua formação.

Neste sentido, o estágio possibilita ao estudante de Pedagogia ampliar a capacidade de aprender, buscar, investigar e refletir, sendo esses os aspectos primordiais para o processo de formação do professor. Assim, "[...] pensado dialeticamente como um objeto de estudo, o estágio integra-se como parte a uma totalidade maior que o contém, a formação de professores [...]" (CUNHA; FRANÇA, 2019, p. 59).

O Estágio Supervisionado IV, teve início com os primeiros dias de observação, que serviram para caracterização da escola, onde foi possível perceber as dificuldades encontradas na escola pública e como os profissionais se dedicam para dar andamento às atividades propostas. Após observação e, em conversa com a professora regente, foi discutido quais seriam as dificuldades encontradas na turma do 2º ano "B". Com base nas informações colhidas com a professora da turma e pensando na importância do letramento no contexto social, foi produzido um projeto pedagógico para realização do estágio, cujo tema foi: A contação de história como processo de formação dos pequenos leitores. Desenvolvendo a leitura e escrita, a partir da história de Dona Baratinha.

O projeto desenvolvido nesta turma foi elaborado com o intuito de proporcionar a criança, através da leitura de histórias infantis, o seu envolvimento com o enredo e personagens, estabelecendo uma relação com os textos a serem trabalhados, dessa forma, possibilitando que participem de situações de comunicação oral e escrita, como contar e recontar histórias, despertando-lhes o gosto pela leitura, estimulando seu potencial cognitivo e criativo, assim, predispondo-os à alfabetização e ao letramento.

> [...] A leitura contribui para ampliar a visão de mundo, estimular o desejo de outras leituras, exercitar a fantasia e a imaginação, compreender o funcionamento comunicativo da escrita, compreender a relação fala/escrita, desenvolver estratégias de leitura, ampliar a familiaridade com os textos, desenvolver a capacidade de aprender, ampliar o repertório textual e de conteúdos para a produção dos próprios textos, conhecer as especificidades dos diferentes tipos de texto, favorecer a aprendizagem das convenções da escrita, só para citar algumas possibilidades. Para experimentá-las, não é preciso ler por si mesmo. É possível ler 'através' do professor. (CARVALHO; MENDONÇA, 2006, p. 36).

Neste trabalho, apresentaremos um recorte com 03 (três) ações de regências desenvolvidas com os alunos, para estimular e contribuir com a ampliação dos conhecimentos, bem como despertar o prazer pela leitura no contexto escolar.

Gostaríamos ainda de ressaltar que, as práticas desenvolvidas no estágio aqui apresentadas tiveram como objetivo articular o trabalho da leitura ao processo de letramento dos estudantes, assegurando às crianças participarem, em sala de aula, de práticas sociais de leitura que os remetessem a realidade do cotidiano fora da escola.

Entende-se, assim, que o domínio dos gêneros textuais, junto com o domínio da situação comunicativa, possibilita a escola assumir o papel de, segundo Mendonça (2005, ´p. 13): "[...] ampliar o letramento dos estudantes, proporcionando-lhes as condições para que se insiram,

com autonomia, em eventos de letramento os mais diversos, que implicam gêneros textuais variados, numa perspectiva de formação cidadã".

Diante desses pressupostos, as ações do estágio regido, aconteceram da seguinte forma:

Ação 1 - 11 de janeiro de 2019

Na primeira visita à escola foi apresentado para a coordenadora e professora da sala a proposta do projeto de gênero literário voltado para a história da Dona Baratinha. Como já ressaltado, o projeto foi desenvolvido com a intenção de trabalhar o processo de alfabetização e letramento – processos essenciais para que as crianças sejam inseridas no contexto cultural da sociedade, que está fundamentalmente relacionado à leitura – estruturando as capacidades mais relevantes a serem atingidas pelos alunos. Assim, "[...] alfabetização e letramento são processos diferentes, cada um com suas especificidades, mas complementares, inseparáveis e ambos indispensáveis. [...] (CARVALHO; MENDONÇA, 2006, p. 19).

Ação 2 – 14 de janeiro de 2019

Na segunda visita, foi feita a observação com uma coleta de informações acerca do nível de aprendizagem que a turma se encontrava, com a finalidade de reconhecer o nível dos estudantes para, então, desenvolver a abordagem da regência. Com o auxílio da professora da sala, foi realizada uma sondagem para descobrir o que os alunos já conheciam sobre o tema a ser trabalhado.

Foto 2. Sondagem.

Fonte: Elaboração Própria (2019)

Considerando que o projeto foi centrado, também, no ensino de leitura, devo reafirmar que ler é tomar consciência, como nos diz Paulo Freire (1989, p.22):

> Ler é tomar consciência. [...] A leitura é antes de tudo uma interpretação do mundo em que se vive. Mas não só ler. É também representá-lo pela linguagem escrita. Falar sobre ele interpretá-lo, escrevê-lo. Ler e escrever, dentro desta perspectiva, é também libertar-se. Leitura e escrita como prática de liberdade. A escrita é também objeto do pensamento e da vida.

Considerando esse contexto, apresento as vivências realizadas no Estágio Supervisionado IV, executadas na turma do 2° Ano "B" do Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Ação 3 - 15 de janeiro de 2019 – Primeira Regência

A primeira regência ocorreu no dia 15 de janeiro de 2019, com duração de 4 horas, onde foi apresentada aos alunos a história da Dona Baratinha, usando uma perspectiva interdisciplinar através da leitura e da arte. Segundo Soares (2020, p. 39) "[...] Ao planejar uma sequência ou uma unidade didática, o primeiro passo deve ser a escolha de um texto que desperte o interesse das crianças e esteja compatível com o nível linguístico e cognitivo delas [...]".

No primeiro momento, a história foi contada com os alunos em círculo, após a leitura do livro foi explicado alguns termos, que para eles eram desconhecidos, além de dialogarmos sobre a história contada. Cantamos a canção da Dona Baratinha juntos e em seguida as crianças foram convidadas a responderem uma atividade de interpretação textual.

> -Escolhido o texto, prepare sua leitura e as questões a serem propostas às crianças para desenvolver habilidades de interpretação, e identifique vocabulário a ser esclarecido[...]
> -Escolha o texto, considerando o nível de desenvolvimento cognitivo e linguístico das crianças, palavras e sentenças que serão objeto de atividades de alfabetização. [...]. (SOARES, 2020, p.39).

No segundo momento, os alunos foram convidados a responderem uma cruzadinha e a colorirem os personagens da história trabalhada. Essas atividades foram realizadas com o intento de melhorar o nível de leitura e escrita das crianças, aperfeiçoar a interpretação de texto e estimular o gosto pela leitura.

Foi possível perceber o entusiasmo, interação e participação dos alunos na contação da história, entretanto, com a leitura, escrita e interpretação, a maioria dos alunos apresentaram dificuldades. Já na parte artística, muita criatividade pode ser vista em todas as pinturas analisadas. A turma foi avaliada através de sua participação nas atividades propostas. A atividade de interpretação de texto e a cruzadinha serviram como ferramenta avaliativa para averiguar se o objetivo de qualificar a interpretação de texto foi alcançado. Nesse dia, foram trabalhados leitura, escrita, oralidade, interpretação, coordenação motora e interação.

Foto 3. Apresentação da história.

Fonte: Elaboração Própria (2019)

Ação 4 - 16 de janeiro de 2019 – Segunda Regência

A segunda regência aconteceu no dia 16 de janeiro de 2019, com duração de 4 horas. No primeiro momento, foi feita uma acolhida, relembrando a história trabalhada no dia anterior, com a música, Quem quer casar com a Dona Baratinha? Logo após foi realizada uma atividade de reescrita do texto, a partir de figuras conhecidas do livro. No segundo momento, após a construção do texto, foi realizada leitura a frente para todos os colegas, utilizamos estratégias com mediação, em seguida foi realizado um jogo impresso para encontrar os pretendentes da Dona Baratinha e colorir. “Ler por prazer é o que nos faz leitores de fato, ou seja, é o que nos impulsiona a buscar mais e mais textos, é o que nos faz usufruir o direito de negar um texto, escolher outro texto, pedir sugestões, dar sugestões” (BARBOSA; SOUZA, 2006, 43).

Essas atividades foram realizadas com o propósito de inserir a música no cotidiano da criança, estimular sua oralidade e desenvolver o comportamento leitor/escritor durante o

processo de produção textual, estimular a desenvoltura em público, desenvolver a criatividade com a pintura dos personagens e o raciocínio com o jogo.

A avaliação foi feita durante as realizações das atividades propostas. De início, os alunos mostraram-se tímidos, mas quando viram seus colegas realizando a atividade de leitura, se prontificaram a participar, no jogo todos participaram. Os alunos mostraram que prestaram atenção na história contada no dia anterior, pois relembraram perfeitamente o que trabalhamos. Todos interagiram e ficaram bastante animados com a proposta da música, porém, tiveram muita dificuldade na produção do texto visto que, alguns alunos, ainda não sabiam ler e tinham problemas na escrita. Por fim, os alunos foram avaliados através da participação nas atividades propostas.

Foto 4 e 5. Leitura do texto construído.

Fonte: Elaboração Própria (2019).

Ação 5 - 17 de janeiro de 2019 – Terceira Regência

No dia 17 de janeiro de 2019, aconteceu a terceira regência, com duração de 4 horas. No primeiro momento, a partir da interdisciplinaridade e ainda utilizando a história de Dona Baratinha, desenvolvemos a aula iniciando com um Auto ditado, um jogo com propósitos didáticos, usado para que o aluno forme palavras partindo de uma figura, houve uma colagem no quadro com as figuras dos personagens da história para identificação, após isso os alunos deveriam identificar os desenhos e escrever seus nomes. No segundo momento, os alunos poderiam relaxar, enquanto coloriam cada uma das figuras dos bichos. “Como cabe à escola garantir a formação de cidadãos letrados, resta-nos construir estratégias de ensino que permitam alcançar aquela meta: alfabetizar letrando” (MENDONÇA; SANTOS, 2007, p.21).

Essas atividades foram realizadas com a intenção de que os alunos aprendessem a escrita de novas palavras, reconhecessem a necessidade da concentração para realizar um ditado e desenvolvessem a leitura e a escrita por meio de atividades sobre o tema.

Mais uma vez, alguns alunos mostraram grande dificuldade na escrita, todavia, todos foram bem participativos. Por fim, a avaliação ocorreu durante todo o processo de atividades.

Fotos 6 e 7. Atividades desenvolvidas pelos alunos.

Fonte: Elaboração Própria (2019)

Diante das experiências vivenciadas, pude entender que o professor, como mediador do processo de aprendizagem, exerce papel fundamental no desenvolvimento da criança, na organização, socialização, comunicação do seu pensamento e no planejamento e a mediação é o elemento que está entre o objeto do conhecimento e o sujeito que aprende. Entendemos, ainda, que, dentro desse contexto, tivemos a oportunidade de avaliar os alunos e constatar que os recursos utilizados foram proveitosos na construção dos conhecimentos específicos propostos. Assim, pôde-se perceber, de fato, que ocorreu uma aprendizagem significativa.

Compreendendo, portanto, que neste estágio o que importava não era apenas o produto da atividade, o que dela resultava, mas a própria ação, o momento vivido. Nessa perspectiva, podemos afirmar que as aulas regidas possibilitaram às crianças momentos de encontro consigo e com o outro, momentos de fantasia e de realidade, de ressignificação e percepção, momentos de autoconhecimento e conhecimento do outro, de cuidar de si e olhar para o outro, momentos de vida, de expressividade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo traz as reflexões da experiência vivida no Estágio Supervisionado IV, do Curso de Pedagogia, realizado com os alunos do 2º ano "B" do Ensino Fundamental Anos Iniciais, de uma Escola Municipal em Maceió. Como temática, foi escolhido o Projeto de Intervenção: "A contação de histórias, como processo de formação dos pequenos leitores, desenvolvendo a leitura e a escrita através da história de Dona Baratinha".

O estágio realizado nos proporcionou consideráveis experiências e, salientamos, como ponto positivo, o processo de interação com as crianças, pois, vivenciamos diferentes sensações e emoções que se constituíram em um grande aprendizado, principalmente no que tange à importância do desenvolvimento e aprendizagem, buscando uma forma humanizada de trabalho voltado exclusivamente para as crianças o que nos custou, conhecimento, dedicação e profissionalismo.

Ademais, ressaltamos como ponto negativo, o déficit na qualidade de leitura e escrita, no entanto, mesmo os que tinham dificuldades na leitura e escrita, bem como os outros que já estavam mais desenvolvidos, todos, mostraram-se bastante interessados e dedicados durante as atividades. Mostramos a eles como resolver os problemas aparentes, para que compreendessem as atividades da melhor forma. Outro ponto negativo os conflitos constantes em sala que nos custou determinação e firmeza para manter a turma sob controle.

Vale evidenciar que a elaboração deste estudo possibilitou-nos tomar consciência de que o alfabetizar letrando é dar a oportunidades às crianças, não só de se apropriarem do sistema alfabético, mas de participarem da vida social em qualquer contexto, tendo acesso a cidadania e a herança cultural, assim, enriquecendo seu conhecimento e construindo sua personalidade e senso crítico. É evidente que são muitos desafios a serem vencidos para ir além da codificação e decodificação de símbolos e, indiscutivelmente, a alfabetização como prática de letramento se torna indispensável no processo de ensino-aprendizagem.

Enfim, o estágio nos permitiu ter a oportunidade de vivenciar, na prática, a realidade de uma sala de aula, e assim, concerniu o eixo fundamental para nossa formação acadêmica, sendo muito gratificante, pois ocorreu tudo como planejado. Através dele, conhecemos os conteúdos indispensáveis para a construção de nossa identidade profissional, vivenciando os saberes do dia a dia e certificando aptidões para exercer a função de educadoras que almejamos ser.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. 7ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1997. 93 p.

ANTUNES, I. **Aula de português:** encontro e interação. 1ª Edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. 184 p.

BARBOSA, M. L. F. F.; SOUZA, I. P. (org.). **Práticas de leitura no ensino fundamental**. — Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 144 p.

BATISTA, A. G.; SOARES, M. B. **Alfabetização e letramento:** caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 64 p.

BERNARDES, C. T. R. **ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV –** SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. Manual de Estágio – Curso de Pedagogia a Distância – CEDU – UFAL, Maceió, 2018. 23 p.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 09 jul. 2021.

_____ Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nºs 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 25 de setembro de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm> Acesso em: 09 jul. 2021.

_____ Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Volume 3: Conhecimento de mundo – Brasília: MEC/SEF, 1998. 253 p.

_____ Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica** / Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001. 79 p.

_____ **Parecer CNE/ CP 28/2001, de 02 de outubro de 2001**. Dá nova redação ao Parecer CNE/CP 21/2001, que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Diário Oficial da União, Distrito Federal, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/028.pdf. > Acesso em: 09 jul. 2021.

BURIOLLA, M. A. **O Estágio Supervisionado**. 2ª Edição. São Paulo: Cortez, 1999. 176 p.

CARVALHO, M. A.; MENDONÇA, R. H. (org.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. 180 p.

CAVALCANTE, M. C. B.; MENDONÇA, M.; SANTOS, C. F. (Org.). **Diversidade textual:** os gêneros na sala de aula. 1.ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 136 p.

CUNHA, C.; FRANÇA, C. C. (Org.). **Formação Docente:** fundamentos e práticas do estágio supervisionado. Brasília: Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade; Universidade Católica de Brasília, 2019. 147 p.

FREIRE, P. **A importância do Ato de Ler:** três artigos que se completam. 23ª Edição. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. 80 p.

KLEIMAN, A. B. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Linguagem e letramento em foco. Cefiel/IEL/Unicamp, 2005. 65 p.

_____. **Oficina de Leitura:** Teoria e Prática. 9ª Edição. São Paulo: Pontes. 2002. 102 p.

KOCH, I. V.; ELIAS, M. V. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2009. 2016 p.

MENDONÇA, M. **Projetos temáticos:** integrando leitura, produção de texto e análise linguística na formação para a cidadania. Construir notícias, ano 4, n. 21. Recife, 2005.

MENDONÇA, M.; SANTOS, C. F. (org.). **Alfabetização e letramento:** conceitos e relações. 1ed., 1reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 152 p.

PIMENTA, S. G. **O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES:** UNIDADE ENTRE TEORIA E PRÁTICA? Depto. de Metodologia do Ensino e Educação Comparada – Faculdade de Educação da USP. Cad. Pesq., n. 94. 1995.

_____ **Estágio e docência:** diferentes concepções. Revista Poíesis -Volume 3, Números 3 e 4, 2005/2006. p. 5-24.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 1999.

RITER, C. **A formação do leitor literário em casa e na escola**. 1ª Edição. São Paulo: Biruta, 2009. 104 p.

SOARES, M. **Alfaletrar:** toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020. 352 p.

_____ **Letramento e alfabetização:** as muitas facetas. 26ª Reunião Anual da Anped. GT Alfabetização, Leitura e Escrita. Poços de Caldas, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS/UFAL. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia**. Maceió: CEDU/UFAL, 2006.